

CASTELO  
AZUL



LUCY MAUD MONTGOMERY



# Castelo Azul

TRADUÇÃO: LIVIA KOEPL



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*The blue castle*

Revisão  
Eliel Cunha

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Tradução  
Livia Koepl

Imagens:  
Tartila/Shutterstock.com;  
Raftel/Shutterstock.com;

Preparação  
Karoline Cussolim  
Fernanda R. Braga Simon

Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;  
GoodStudio/Shutterstock.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

M787c Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

O castelo azul / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Livia Koepl.  
- Jandira, SP : Principis, 2020.  
256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: The blue castle  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-203-7

1. Literatura canadense. 2. Romance. I. Koepl, Livia. II. Título. III.  
Série.

2020-2515

CDD 813  
CDU 821.111(71)-31

**Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura canadense: Romance 813
2. Literatura canadense: Romance 821.111(73)-31

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Capítulo 1 .....	7
Capítulo 2 .....	18
Capítulo 3 .....	22
Capítulo 4 .....	28
Capítulo 5 .....	31
Capítulo 6 .....	36
Capítulo 7 .....	42
Capítulo 8 .....	49
Capítulo 9 .....	59
Capítulo 10 .....	64
Capítulo 11 .....	70
Capítulo 12 .....	83
Capítulo 13 .....	85
Capítulo 14 .....	88
Capítulo 15 .....	95
Capítulo 16 .....	99
Capítulo 17 .....	102
Capítulo 18 .....	106
Capítulo 19 .....	112
Capítulo 20 .....	119
Capítulo 21 .....	129
Capítulo 22 .....	137

Capítulo 23 .....	140
Capítulo 24 .....	144
Capítulo 25 .....	148
Capítulo 26 .....	153
Capítulo 27 .....	159
Capítulo 28 .....	172
Capítulo 29 .....	177
Capítulo 30 .....	182
Capítulo 31 .....	187
Capítulo 32 .....	194
Capítulo 33 .....	199
Capítulo 34 .....	202
Capítulo 35 .....	206
Capítulo 36 .....	211
Capítulo 37 .....	213
Capítulo 38 .....	217
Capítulo 39 .....	228
Capítulo 40 .....	232
Capítulo 41 .....	239
Capítulo 42 .....	242
Capítulo 43 .....	252
Capítulo 44 .....	254
Capítulo 45 .....	256



## CAPÍTULO 1

Se não houvesse chovido em uma certa manhã de maio, a vida de Valancy Stirling teria sido completamente diferente. Ela teria comparecido, juntamente com o restante de sua família, ao piquenique de noivado de tia Wellington, e o doutor Trent teria ido a Montreal. Mas choveu, e é por causa disso que você vai ouvir o que aconteceu com ela.

Valancy acordou cedo, na apática e desesperançada hora que precede o amanhecer. Não dormira muito bem. Às vezes é difícil dormir bem quando você sabe que fará vinte e nove anos no dia seguinte, ainda é solteira e vive em uma família e em uma comunidade em que mulheres não casadas são estigmatizadas, tratadas como aquelas que falharam em conseguir um marido.

Deerwood e os Stirlings fazia tempo haviam relegado Valancy à irremediável condição de solteirona. Mas ela mesma nunca abandonara uma patética e vergonhosa esperança de que o romance cruzasse seu caminho - nunca, até aquela horrível e úmida manhã, quando finalmente aceitou o fato de que tinha vinte e nove e ninguém a queria.

Sim, eis o que lhe doía. Valancy não se importava muito em ser uma solteirona. Afinal, pensava ela, ser solteirona não era, de forma alguma,

LUCY MAUD MONTGOMERY

tão horrível quanto ser casada com alguém como o tio Wellington, o tio Benjamin ou mesmo o tio Herbert. O que lhe doía era o fato de nunca ter tido a chance de ser qualquer coisa além de uma solteirona. Nenhum homem jamais a desejara.

As lágrimas brotaram em seus olhos, enquanto ela jazia ali, sozinha, na escuridão vagamente acinzentada. Não se atreveu a chorar com a liberdade que queria por dois motivos. Primeiro porque tinha medo de que o choro provocasse de novo aquela dor no coração. Ela sentira uma pontada após se deitar - muito pior do que qualquer outra que já tivera. E, segundo, também temia que a mãe percebesse seus olhos vermelhos no desjejum e a incomodasse com suas triviais, persistentes e inoportunas perguntas.

“Imagine se eu lhe respondesse com a mais pura verdade: ‘Estou chorando porque não posso me casar’”, pensou Valancy, com um sorriso triste aflorando em seus lábios. “Certamente mamãe ficaria horrorizada, embora eu saiba que ela sente vergonha todos os dias de sua vida por ter uma filha velha e solteirona.”

No entanto, é claro que as aparências tinham de ser mantidas. “Não é”, Valancy conseguia ouvir a voz afetada e ditatorial da mãe afirmando: “Não é *apropriado* uma moça pensar em *homens*”.

Pensar na expressão da mãe fez Valancy rir - ela possuía um excelente senso de humor, mas ninguém de sua família suspeitava disso. Aliás, havia muitas coisas sobre Valancy de que ninguém suspeitava. Sua risada foi bastante contida e subitamente ela viu-se ali, uma figura pequena, encolhida, inútil, escutando a chuva cair e observando, com triste desgosto, a luz fria e impiedosa que entrava em seu quarto feio e sórdido.

Ela conhecia de cor a feiura daquele quarto - conhecia e detestava. O piso pintado de amarelo, com um hediondo tapete ao lado da cama e seu grotesco cão “enganchado” nele, sempre lhe sorrindo quando ela acordava; o papel de parede vermelho-escuro, desbotado; o teto



## O CASTELO AZUL

descorado por antigos vazamentos e cheio de rachaduras; o lavatório diminuto e estreito; o lambrequim de papel pardo com rosas roxas; o antiquado espelho manchado, partido ao meio, apoiado na inadequada penteadeira; o velho pote de *pot-pourri* feito pela mãe em sua mítica lua de mel; a caixa com tampa de conchas e um buraco no lado, que a prima Stickles havia feito em sua igualmente mítica infância; a almofada de alfinetes bordada com miçangas, sem metade das contas; a única cadeira do aposento, dura e amarela; o velho e desbotado lema “Morta, mas não esquecida” tecido em fios coloridos em volta do rosto velho e sombrio da bisavó Stirling; as fotografias antigas de parentes remotos, havia tempo banidas dos aposentos do andar de baixo. Havia apenas duas fotografias que não eram de parentes. Uma era a velha imagem cromada de um filhote de cachorro sentado na soleira de uma porta, em meio à chuva. Essa imagem sempre conseguia deixar Valancy infeliz. Aquele cachorrinho desamparado, encolhido na porta, naquela chuva torrencial! Por que *alguém* não abriu a porta para ele entrar? A outra imagem era uma opaca gravura recortada da rainha Louise descendo uma escadaria, que tia Wellington prodigamente lhe havia dado em seu décimo aniversário. Por dezenove anos ela contemplou com raiva a bela, convencida e vaidosa rainha Louise. Mas nunca ousou destruí-la ou removê-la dali. Sua mãe e a prima Stickles teriam ficado horrorizadas, ou, como Valancy irreverentemente se expressava, em seus pensamentos, teriam tido um faniquito.

Todos os cômodos da casa eram feios, é claro. Mas a aparência nos aposentos do andar inferior fora minimamente mantida. Não havia dinheiro para arrumar quartos que nunca alguém via. Valancy às vezes sentia que, se lhe tivessem permitido, poderia ter feito algo pelo seu quarto, mesmo sem dinheiro. Mas sua mãe negara todas as suas tímidas sugestões, e Valancy não insistira. Ela nunca insistia. Tinha medo. Sua mãe nunca aceitava objeções. Se contrariada, a senhora Stirling ficaria emburrada por dias, com ar de duquesa ofendida.

## LUCY MAUD MONTGOMERY

A única coisa de que Valancy gostava em seu quarto era a possibilidade de ficar lá à noite, sozinha, para chorar, se assim o desejasse.

Mas, afinal, qual era a importância de ter um quarto feito, se ele só é utilizado para dormir e se vestir? Nunca permitiam que Valancy ficasse sozinha em seu quarto por qualquer outro motivo. A senhora Frederick Stirling e a prima Stickles acreditavam que, se alguém desejasse ficar sozinho, era porque tinha algum propósito sinistro. Mas o quarto de Valancy no Castelo Azul era tudo o que um quarto deveria ser.

Valancy, tão acovardada, subjugada, anulada e desprezada na vida real, costumava deixar-se levar esplendidamente por seus devaneios. Ninguém da família Stirling, ou de suas ramificações, suspeitava disso, muito menos sua mãe e a prima Stickles. Elas nunca souberam que Valancy possuía duas casas, a feia e apertada casa de tijolos vermelhos na Elm Street e o Castelo Azul, na Espanha. Valancy vivia em espírito no Castelo Azul desde que podia se lembrar. Era uma criança muito pequena quando se viu em posse dele. Quando fechava os olhos, sempre conseguia vê-lo com clareza, com suas torres e seus estandartes no alto da montanha repleta de pinheiros, envolto em sua vaga graça azul, recortado contra o céu crepuscular de uma bela terra desconhecida. Tudo de maravilhoso e bonito havia naquele castelo: joias usadas por rainhas; vestes tecidas com luar e fogo; divãs bordados com rosas e ouro; longos lances de escadas com degraus de mármore, grandes urnas brancas e donzelas esguias subindo e descendo, em meio à névoa; pátios com colunas de mármore, onde fontes cintilavam e rouxinóis cantavam entre as murtas; salões com espelhos que refletiam apenas belos cavaleiros e encantadoras mulheres - ela era a mais encantadora de todas, e os homens estavam dispostos a morrer por um único olhar seu. Tudo que a fazia suportar o tédio de seus dias era a esperança de alegrar-se com seus sonhos à noite. A maior parte dos Stirlings, se não todos, teria morrido de horror se soubesse de metade das coisas que Valancy fazia em seu Castelo Azul.

## O CASTELO AZUL

Para começar, tinha muitos admiradores lá. Ah, apenas um de cada vez. Alguém que a cortejava com todo o ardor romântico da época da Cavalaria e a conquistava após longa devoção e muitos atos de bravura e depois se casava com ela com pompa e circunstância na grande capela do Castelo Azul.

Aos doze anos, esse admirador era um belo rapaz, com cachos dourados e olhos de um azul-celeste. Aos quinze, era alto, moreno e pálido, mas ainda necessariamente bonito. Aos vinte, era ascético, sonhador, espiritual. Aos vinte e cinco, tinha o queixo definido, que lhe dava uma aparência levemente taciturna, e o rosto forte e vigoroso, em vez de bonito. Valancy nunca tinha mais de vinte e cinco anos em seu Castelo Azul, mas recentemente, muito recentemente, seu herói ostentara cabelos castanho-avermelhados, um sorriso enviesado e um passado misterioso.

Não estou dizendo que Valancy matava deliberadamente esses admiradores quando se cansava deles. Um desaparecia quando o outro vinha. Tudo é muito conveniente nos Castelos Azuis.

Contudo, na manhã daquele dia fatídico, Valancy não conseguiu encontrar a chave do seu Castelo Azul. A realidade a oprimia demais, latindo em seus calcanhares como um cachorro irritante. Ela estava com vinte e nove anos e era solitária, indesejada, feia, a única garota sem graça em uma família de pessoas bonitas, sem passado e sem futuro. Até onde podia lembrar, a vida tinha sido monótona e incolor, sem um único ponto vermelho ou roxo em algum momento. Quando tentava imaginar o futuro, parecia óbvio que nada mudaria até que ela não passasse de uma folha solitária, um pouco seca, agarrada a um galho invernol. No momento em que uma mulher percebe que não tem nenhum motivo para viver - amor, dever, propósito ou esperança -, ela começa a acalantar a amargura da morte.

“E sou obrigada a continuar vivendo porque não consigo parar. Talvez eu tenha que viver oitenta anos”, pensou Valancy, com uma

espécie de pânico. “Todo mundo nesta família é terrivelmente longo. Sinto-me mal só de pensar nisso.”

Ela ficou feliz por estar chovendo - ou melhor, ficou terrivelmente satisfeita pela chuva. Não haveria piquenique naquele dia. Esse piquenique anual, no qual tia e tio Wellington - sempre se pensava neles nessa ordem - inevitavelmente comemoravam seu noivado, que ocorrera também em um piquenique, trinta anos antes, tinha sido, nos últimos anos, um verdadeiro pesadelo para Valancy. Por uma maquiavélica coincidência, era no mesmo dia de seu aniversário, e, depois que ela passara dos vinte e cinco anos, ninguém a deixava esquecer desse fato.

Por mais que ela odiasse ir ao piquenique, nunca teria lhe ocorrido se rebelar contra isso. Não parecia haver algo de revolucionário em sua natureza. E ela sabia exatamente o que cada um lhe diria no piquenique. Tio Wellington - que ela detestava e desprezava, mesmo tendo cumprido a mais alta aspiração dos Stirlings, que era “ser casado com o dinheiro” - lhe diria, em um sussurro suíno, “Ainda não está pensando em se casar, minha querida?” e daria, então, aquela gargalhada sonora com a qual invariavelmente concluía suas observações enfadonhas. Tia Wellington, de quem Valancy sentia um abjeto pavor, falaria sobre o novo vestido de chifon de Olive e a última carta devotada de Cecil. Valancy seria obrigada a parecer tão satisfeita e interessada como se o vestido e a carta fossem dela, caso contrário tia Wellington ficaria ofendida. E Valancy havia tempo decidira que preferia ofender Deus a magoar tia Wellington, porque Deus poderia perdoá-la, mas tia Wellington, não.

Tia Alberta, imensamente gorda, com o amável hábito de sempre se referir a seu marido como “ele”, como se fosse o único homem do mundo, que jamais poderia esquecer que ela tinha sido uma grande beleza em sua juventude, expressaria seu pesar por Valancy ter uma pele tão amarelada.

## O CASTELO AZUL

“Não sei por que todas as moças de hoje são tão bronzeadas. Quando eu era jovem, minha pele era branca e rosada. Eu fui considerada a moça mais bonita do Canadá, minha querida.”

Talvez tio Herbert não dissesse nada, ou talvez comentasse, jocosa-mente, “Você está ficando gorda, Doss!”. E todo mundo então riria da imagem tão hilariante da pobre e esquelética Doss engordando.

O bonito e solene tio James, de quem Valancy não gostava, mas respeitava porque ele tinha a reputação de ser muito inteligente e, portanto, o oráculo da família - os cérebros não eram muito abundantes entre os Stirlings -, provavelmente faria a seguinte observação, com seu peculiar sarcasmo e o ar de coruja que granjeara sua reputação: “Suponho que ultimamente tenha estado ocupada com o preparo de seu enxoval”.

E tio Benjamin, entre risinhos ofegantes, proporia uma de suas abomináveis charadas, cuja resposta ele mesmo daria.

“Qual é a diferença entre Doss e um camundongo?”

“O camundongo sonha com um queijo furado, e Doss sonha com o beijo do amado.”

Valancy já tinha escutado essa charada cinquenta vezes e toda vez ela sentia vontade de atirar alguma coisa nele. Mas nunca fez isso. Em primeiro lugar, os Stirlings simplesmente não atiravam coisas; em segundo lugar, tio Benjamin era um viúvo velho e rico, sem filhos, e Valancy tinha sido educada para temer e reverenciar o seu dinheiro. Se o ofendesse, ele poderia cortá-la de seu testamento - supondo que ela estivesse nele. Valancy não queria ser cortada do testamento de tio Benjamin. Ela havia sido pobre a vida inteira e sabia quão irritante e amargo isso era. Então ela suportava as suas charadas e até lhe dava pequenos e agoniosos sorrisos.

Tia Isabel, despachada e desagradável como o vento leste, iria criticá-la de alguma maneira. Valancy não conseguia prever exatamente o que seria, pois tia Isabel nunca repetia uma crítica. Toda vez, tia Isabel sempre encontrava algo novo para machucá-la. Tinha orgulho de dizer

## LUCY MAUD MONTGOMERY

o que pensava, mas não gostava muito quando outras pessoas lhe diziam o que *elas* pensavam. Valancy nunca dizia o que *pensava*.

Prima Georgiana, nomeada em homenagem à sua trisavó, que por sua vez fora nomeada em homenagem ao rei George IV, narraria dolorosamente o nome de todos os parentes e amigos que haviam morrido desde o último piquenique e indagaria: “Quem de nós será o próximo?”.

Opressivamente competente, tia Mildred falaria sem parar a respeito do seu marido e de seus odiosos bebês-prodígios, e Valancy seria a única disposta a aturá-la. Pela mesma razão, a prima Gladys – na verdade, Gladys era sua prima em primeiro grau, segundo a estrita forma pela qual os níveis de parentesco dos Stirlings eram tabelados –, uma senhora alta e magra que admitia sua disposição sensível, descreveria em detalhes as torturas de sua neurite. E Olive, a garota prodígio de todo o clã Stirling, que possuía tudo o que Valancy não tinha – beleza, popularidade, amor –, exibiria sua beleza, tomando a liberdade de demonstrar sua popularidade e ostentar sua insígnia de amor cravejada de diamantes perante os olhos ofuscados e invejosos de Valancy.

Hoje não haveria nada disso. E não seria necessário empacotar as colheres de chá. Esse trabalho sempre ficava a cargo de Valancy e da prima Stickles. Certa vez, seis anos antes, uma colher de chá de prata do conjunto de casamento de tia Wellington tinha sido perdida. Valancy nunca mais ouviu falar daquela colher de prata. Mas seu fantasma, como Banquo<sup>1</sup>, passou a assombrar todos os banquetes familiares que vieram depois.

Ah, sim, Valancy sabia exatamente como seria aquele piquenique e abençoava a chuva que a salvara dele. Não haveria piquenique nesse ano. Se tia Wellington não pudesse comemorar naquele exato e sagrado dia, ela não faria nenhuma celebração. Valancy dava graças a todos os possíveis e imagináveis deuses por isso.

---

1 Referência à obra *Macbeth*, de William Shakespeare. (N.R.)

## O CASTELO AZUL

Como não haveria piquenique, Valancy decidiu que, se a chuva diminuísse à tarde, iria até a biblioteca e pegaria emprestado outro livro de John Foster. Valancy nunca teve permissão de ler romances, mas os livros de John Foster não eram romances. Eram “livros sobre a natureza” – assim a bibliotecária os definiu à senhora Frederick Stirling –, “só falam de bosques, pássaros, insetos e coisas assim, sabe?”. Então Valancy teve permissão de lê-los – sob protesto, pois estava mais do que evidente que ela os apreciava demais. Era permitido, e até louvável, ler para aprimorar a mente e sua religião, mas ler um livro agradável era perigoso. Valancy não sabia se sua mente estava sendo aprimorada ou não, mas sentia vagamente que, se ela tivesse lido os livros de John Foster anos atrás, a vida poderia ter sido diferente para ela. Eles pareciam revelar vislumbres de um mundo ao qual ela podia outrora ter pertencido, embora a porta agora houvesse se fechado para sempre para ela. A biblioteca de Deerwood recebera os livros de John Foster somente no ano anterior, embora a bibliotecária tenha dito a Valancy que ele era um escritor bastante famoso havia anos.

– Onde ele mora? – Valancy perguntou.

– Ninguém sabe. Pelos livros, ele deve ser canadense, mas não há mais informações. Seus editores não dizem uma palavra. Muito provavelmente John Foster seja um pseudônimo. Os livros são tão populares que não param nas prateleiras, embora eu não consiga ver o que há de tão bom neles.

– Acho que são maravilhosos – disse Valancy, com timidez.

– Ah, bem... – A senhorita Clarkson sorriu de maneira condescendente, relegando as opiniões de Valancy ao limbo. – Da minha parte, não posso dizer que gosto muito de insetos. Mas certamente Foster parece saber tudo o que há para saber sobre eles.

Valancy também não sabia se ela gostava muito de insetos. Não era o estranho conhecimento de John Foster a respeito de criaturas selvagens e da vida dos insetos que a fascinava. Ela dificilmente conseguiria dizer